


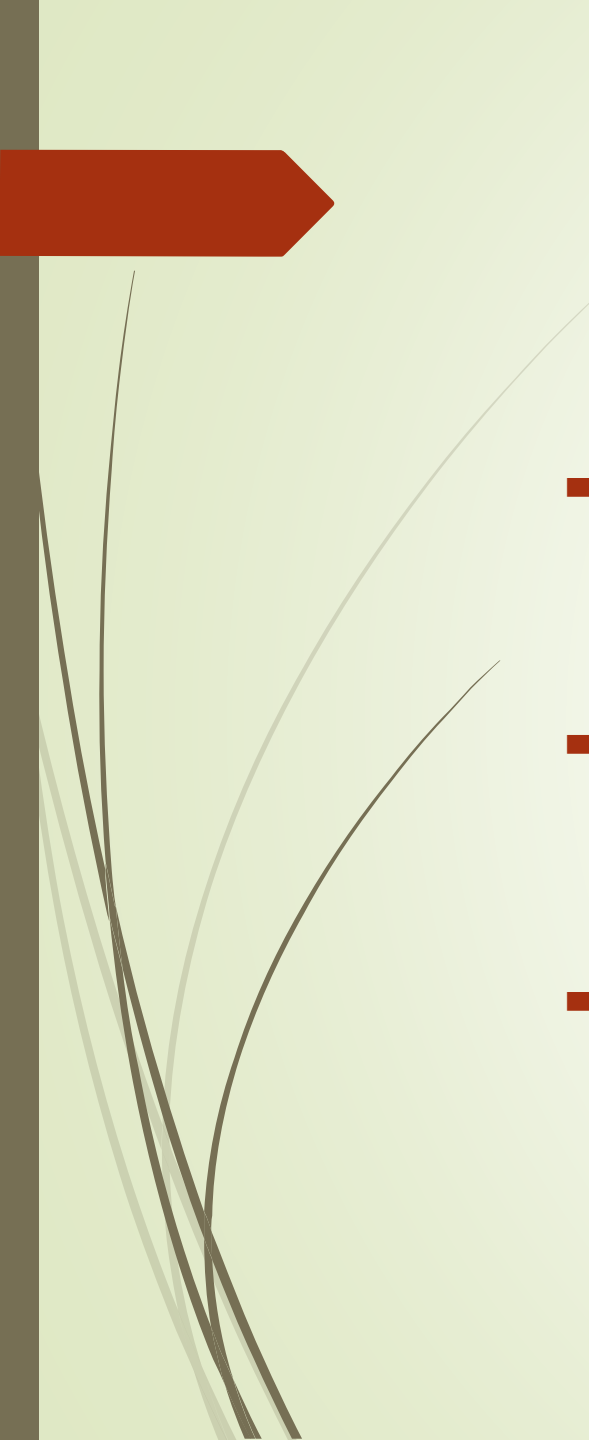
CHAUI, Marilena. Comemorar. In. Brasil: Mito Fundador e Sociedade


Autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 89-95.


“ Comemorar? ”


“Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como ‘cultura senhorial’, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as realizações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência.” (p. 89)


- 
- ▶ Assim, a autora inicia o último capítulo do livro, " Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária" reafirmando que a "cultura senhorial e estamental" e o autoritarismo social naturalizam as desigualdades e exclusões sócio econômicas" que vem exprimir-se no modo de funcionamento da política no Brasil. Esta é a questão central, a argumentação básica desse último capítulo.
 - ▶ A partir dessa compreensão, Marilena Chauí apresenta exemplos de como **a "divisão social de classes é naturalizada por um conjunto de práticas que ocultam a determinação histórica ou material da exploração, da discriminação e da dominação, e que imaginariamente, estruturam a sociedade sob o signo da nação una e indivisa, sobreposta por um manto protetor que recobre as divisões reais que a constituem"- o "mito fundador" e a "identidade nacional".**


- 
- ▶ A autora alerta, que “ temos o hábito de supor que o autoritarismo é um fenômeno político que, periodicamente, afeta o estado, tendemos a não perceber que é **a sociedade brasileira que é autoritária e que dela provém as diversas manifestações do autoritarismo político**”. (p. 90)
 - ▶ Como conflitos e contradições não trazem uma imagem de sociedade pacífica, os mesmos são apresentados e vistos como perigo e são respondidos com repressão policial e militar para aqueles que pensam diferente, especialmente das camadas populares.
 - ▶ Assim, a autora busca responder a seguinte pergunta: “Quais os traços marcantes dessa sociedade autoritária? “ (p. 90)


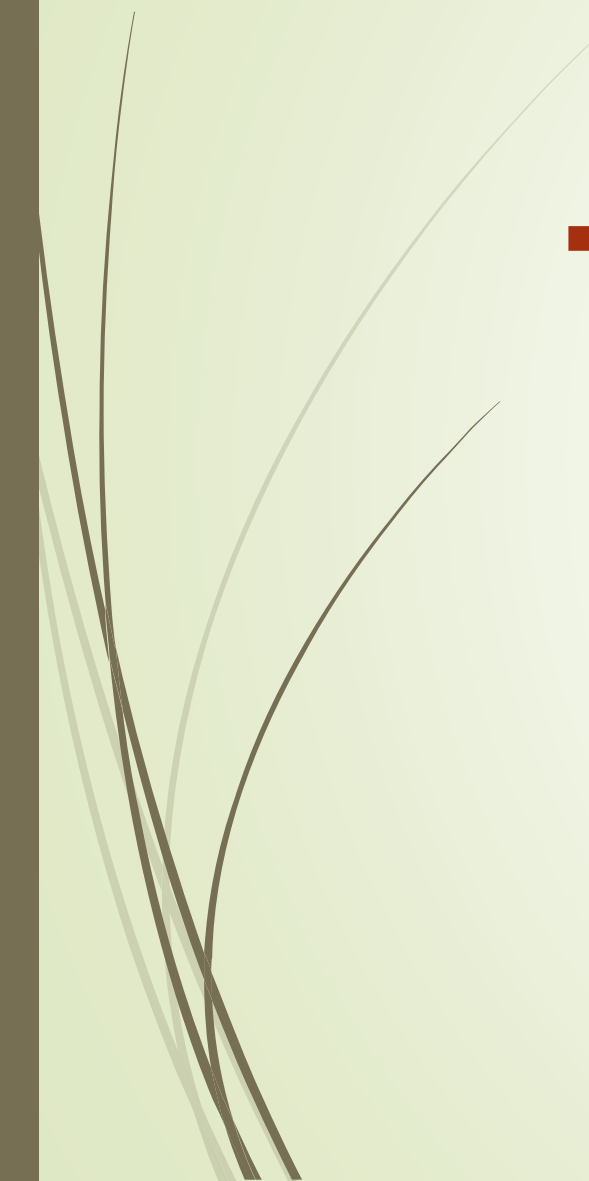
- 
- ▶ “ **As divisões sociais são naturalizadas em desigualdades postas como inferioridade natural** (no caso das mulheres, dos trabalhadores, negros, índios, imigrantes, migrantes e idosos). (...). **Essa naturalização desvia a gênese histórica da desigualdade e da diferença, permite a naturalização de todas as formas visíveis** e invisíveis de violência, pois estas não são percebidas como tais. ” (p. 90)
 - ▶ As desigualdades naturalizadas reforçam **as relações mando –obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito de direitos.** E as relações entre aqueles que se julgam iguais é de “parentesco”, de cumplicidade ou de compadrio. E entre os que são vistos como desiguais, como sujeitos a serem mandados, o relacionamento assume a forma de favor, da clientela, da tutela, da cooptação. Nesse contexto para os iguais a “lei é privilégio”. Já para a maioria da população é um castigo, porque as leis são modificadas para atender os interesses dos “donos do poder”.


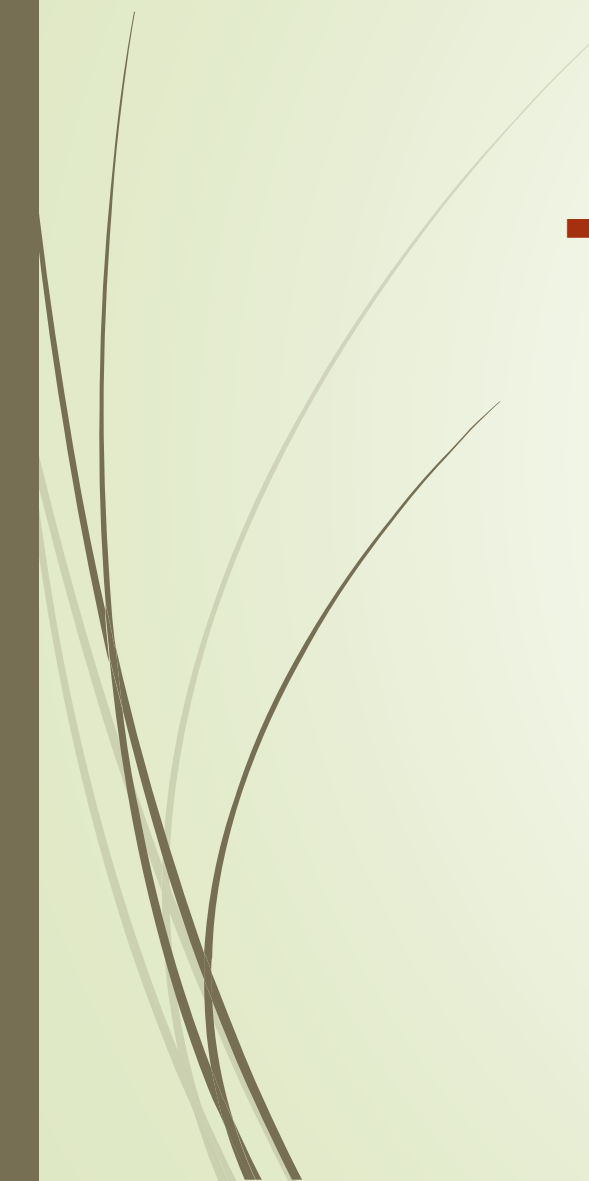
- 
- **Para estes “grupos de poder” existe uma indistinção entre o público e o privado. Seus interesses são institucionalizados pelo Estado, que controlam excluindo de sua estrutura o “outro” que são vistos como inferiores. Dessa forma, fundos públicos são direcionados para seus interesses na economia.**
 - **Essa exclusão alicerçada em ideias de longa data, “como a do nacionalismo militante, apoiado no ‘caráter nacional’ ou na ‘identidade nacional’”, é altamente eficaz para a “classe dominante brasileira” bloqueando “ a esfera pública das ações sociais e da opinião como expressão dos interesses de grupos e classes sociais diferenciados e /ou antagônicos. ” (p. 92)**

- 
- ▶ Para Chauí, “por estar determinada, em sua gênese histórica pela “cultura senhorial” e estamental” em nossa sociedade a posse de bens de consumo de luxo, é utilizado como um instrumento de demarcação social. Reafirmam-se imagens em nossa sociedade que repetem indefinidamente o padrão de comportamento e ação que operava, desde a Colônia, para desclassificação de homens e mulheres livres e pobres. (p. 92) Exemplos apresentados pela autora: “o fascínio pelos signos de prestígio e poder, como se depreende de títulos honoríficos sem qualquer relação com possível pertinência de atribuição, o caso mais corrente sendo o uso de ‘doutor’ quando na relação social, o outro é visto como superior e ‘doutor’”. Para a autora, esse tipo de necessidade é o substituto imaginário para antigos títulos de nobreza“. (p.92) A manutenção da criadagem, cujo número indica menos ou mais status; “nas trapaças no cumprimento de insignificantes direitos trabalhistas existentes e na culpabilização dos desempregados pelo desemprego”. (p. 92

- 
- ▶ Segundo Chauí, explica-se erroneamente **“a existência dos sem-terra, dos sem-teto, dos milhões de desempregados à ignorância, à preguiça e à incompetência dos miseráveis. A existência de crianças sem infância é vista como tendência natural dos pobres à vadiagem, à mendicância e à criminalidade. Os acidentes de trabalho são imputados à incompetência e ignorância dos trabalhadores”**. (p. 93)
 - ▶ Segundo dados apresentados pela autora, o Brasil ocupa no ano 2000, “o terceiro lugar mundial em índice de desemprego, gasta por volta de 90 bilhões de reais por ano em instrumentos de segurança privada e pública, ocupa o segundo lugar nos índices de concentração de renda e de má distribuição da riqueza, mas ocupa o oitavo lugar em termos do Produto Interno Bruto. A desigualdade na distribuição de renda- 2% possuem 98% da renda nacional, enquanto 98% possuem 2% dessa renda”. (p.93)

- 
- ▶ A política se esconde atrás do teologismo, variando entre a adoração do bom governante, e a satanização do mau governante. Isso não impede que as classes populares ao perceberem que os poderes do Estado, do legislativo, do judiciário como “o poder dos outros”, os dois primeiros como corruptos e o segundo como injusto, aliado ao autoritarismo social e ao imaginário teológico político (Salvador da Pátria) não fiquem sensíveis as ideias de um “estado forte” como “salvação nacional”.
 - ▶ Chauí ressalta que, se acrescentar a isso duas dádivas neoliberais, que no caso “do lado da economia, uma acumulação de capital que não necessita incorporar mais pessoas no mercado de trabalho, operando com o desemprego estrutural; do lado da política, a privatização do público, isto é não só o abandono das políticas sociais por parte do Estado e a “opção preferencial” pelo capital nos investimentos estatais”. (p. 94)

- 
- 
- Segundo Chauí, a **“política neoliberal recrudescer a estrutura histórica da sociedade brasileira, centrada no espaço privado e na divisão social sob a forma de carência popular e do privilégio dos dominantes, pois a nova forma do capitalismo favorece três aspectos dos privilégios: 1) a destinação preferencial e prioritária dos fundos públicos para financiar os investimentos do capital; 2) a privatização como próprio grupo oligopólios dos antigos mecanismos estatais de proteção dos oligopólios, com a ajuda substantiva de fundos públicos; 3) a transformação de direitos sociais (como educação, saúde e habitação) em serviços privados adquiridos no mercado e submetidos à sua**

- 
- 
- ▶ Por fim, perguntamos a partir das reflexões de Marilena Chauí , nesta obra escrita em finais dos anos 90 e início dos anos 2000, nossa sociedade tem o que comemorar atualmente? O que seria importante para uma sociedade como a nossa hoje?